

1786.G.
10.943

S U M M A R I O

Da Vida, & Morte da Excellentissima Senhora,

A S E N H O R A

D O N A L E O N O R J O S E P H A D E V I L H E N A ,

E das Exequias que na Cidade da Bahia consa-
grou ás suas memorias

A S E N H O R A

D . L E O N O R J O S E P H A D E M E N E Z E S ,

Esposa do Gonçalo Ravaasco Cavalcanty & Albuquerque, Fi-
dalgo da Casa de S. Magestade, Commendador da Ordem de
Christo, Alcayde mór da Cidade de Cabo Frio, Se-
cretario do Estado, & Guerra do Brasil,

O F F E R E C I D O Á E X C E L L E N T I S S I M A S E N H O R A ,

A S E N H O R A

D . M A R I A F R A N C I S C A B O N I F A C I A D E V I L H E N A ,

Filha dos Excellentissimos Senhores, o Senhor D. Rodri-
go da Costa, & da Excellentissima Senhora, a Senho-
ra D. Leonor Josepha de Vilhena.

C O M P O S T O

P O R S E B A S T I A M D A R O C H A P I T A ,

Fidalgo da Casa de S. Magestade, Cavalleyro Pro-
fesso da Ordem de Christo, Coronel do Re-
gimento da Corte do Brasil.

Em mandado imprimir por dous Afilhados do Excellentissimo S. D. Rodrigo da Costa.

L I S B O A O C C I D E N T A L ,

N a Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

Com todas as licenças necessarias. M.DCC.XXI.





EXCELLENTISSIMA SENHORA

O Sentimento grande do sempre lamentavel golpe, com que a fortuna chegou a provar a constancia de V. Senhoria na mais pueril idade, & no mais tenro principio, & verdor da natureza, com a intempestiva morte da Excellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, que està no Ceo, māy de V. Senhoria, be taõ excessivo, que naõ cabendo em hū Reyno, que testemunhou as suas virtudes, era preciso passasse a todas aquellas partes, em que a fama tinha publicado os seus merecimentos, & com mais razaõ a este Estado, que tendo recebido tantos augmentos pelo felicissimo governo do Excellentissimo Senhor D. Rodrigo da Costa seu digno esposo, & pay amante de V. Senhoria, devia tributar os sentimentos à proporçaõ dos benefícios: & sendo em mim estes taõ notorios pelo excesso de amor, & de grandeza com que me honrou a Excellentissima Senhora D. Leonor, a cujos favores devia render algūa demonstraçao o meu agradeci-

mento, & achandome mais que todos obrigada, & sentida, naõ quiz reduzir à prisão do meu segredo, a vehemencia da minha dor, por que ainda que na esfera do silencio caybaõ grandes penas, naõ podem caber grandes obrigações.

Com este pensamento me animey a fazer à sua distosa alma húas publicas, & piedosas exequias, & alevariar à sua memoria, como padraõ da minha saudade esse pequeno tumulo, cujo rascunho offereço a V. Senhoria, naõ foy porporcionado à estatura do objecto, assim pelo naõ permitir a capacidade do Templo, como por lhe ser taõ desigual a força do braço: mas como sobrou de empulso, quanto faltou de poder ao instrumento, se lhe naõ deve medir a fabrica pela grandeza, senaõ pela vontade, fazendo-a mayor a magoa geral com que os moradores desta Cidade acompanhavaõ a pena de V. Senhoria, de que daõ fiel testimunho essa discreta, & sentida oraçao, esses magoados versos, em que os seus Authores apuraraõ as pennas, naõ só para os voos, mas para os sentimentos: a materia lhes deu esferas para se remontarem, & o motivo lhes duplicou extremos para sentirem. Com correntes de lagrimas se formarão esses caracteres, que só com a tinta do coração se podiaõ escrever as magoas d'alma: por mim se encaminhaõ aos pés de V. Senhoria, ou para que os meus suspiros se façam

gaõ mais dignos de lhe chegar, acompanhados dos seus clamores, ou porque a minha obrigaçao senão podia desempenhar sem o tributo de todos: mas tudo ainda pequeno culto para tanto Numen, curta satisfaçao, para tanta divida: porém se as Aras naõ constituem as Deidades, senão os rogos: Se os sacrificios senão recebem pelas victimas, senão pelas vocações, sirvase V. Senhoria de aceytar este holocausto, naõ pelas oblações, mas pelos votos. A pessoa de V. Senhoria guarde Deos muitos annos.

Festa Veladaõ de que traz a petição de nra acção
nella qual, que encontra a seal Sua. F.º de V. Senhoria

1.º Dousonho de Lisboa Occidental, 1.º de Junho de

Tr. Pedro Menezes.

que as suas intencões podia-se imprimir a S. António
de Vida de membre D. Leonor Josepha de Vilhena
de que esta é a petição dos meus mais trementes respeitos
Jesus, da qual honra e humildade. A festa de nra acção
bona Occidental, 1.º de Junho de 1722.

D. Leonor Josepha de Menezes.

Portuguese Imprimido e Aranjado da Voz do Arcebispo de
Lisboa Ocidental, 1.º de Junho de 1722, pelo Dr. Joaquim de Sousa
e Silva, Arcebispo. & licença que corre a seu
disparso. Lisboa Ocidental, 1.º de Agosto de 1722.

Tr. José Arribalzo.

Constituted by the Board of Education.

LICENÇAS DO S. OFFICIO.

Eminentissimo Senhor.

VIesta Relaçāo, Versos, & Sermaō, consagrado tudo á memoria da Excellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, & me parece competente desafogo da saudade, que se entretem, & talvez modera com estes elogios bem empregados nas grandes virtudes desta Senhora, a que vē curtos os encarecimentos poeticos, & diminutos os louvores panegyricos. Naō contem coufa contra nossa Santa Fè, & bōs costumes. Lisboa Occidental, & Congregação do Oratorio 5. de Junho de 1720.

Pedro Alvres.

Eminentissimo Senhor.

VIesta Relaçāo de que trata a petiçāo, & naō achey nella coufa, que encontre a nossa Santa Fè, & bōs costumes. S. Domingos de Lisboa Occidental 3. de Julho de 1720.

Fr. Pedro Montijo.

VIstas as informações pode-se imprimir o Summario da Vida, & morte de D. Leonor Josepha de Vilhena, de que trata esta petiçāo, & impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella naō correrá. Lisboa Occidental 16. de Julho de 1720.

*Rocha, Fr.R.Lancastre. Guerreyro. Carneyro. Cunha.
Teyxeyra.*

POde-se imprimir o Summario da Vida, & morte de D. Leonor Josepha de Vilhena, & de pois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, sem a qual naō correrá. Lisboa Occidental 27. de Agosto de 1720.

D.Joaō Arcebispo.



APPROVAÇAM DO PAÇO.

SENHOR.

Por ordem de V. Magestade vi o Summario da Vida, & morte da Excellentissima Senhora, a Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, & das Exequias, que na Cidade da Bahia consagrhou às suas memorias a Senhora D. Leonor Josepha de Menezes, composto por Sebastião da Rocha Pita, Fidalgo da Casa de S. Magestade, &c. Esta demonstraçao fúnebre mereceo aquella Matrona illustrissima, porque verdadeiramente se fez digna de huma geral estimaçao. Competiraõ nella os douos mais estimados, & mais difficultos dotes da natureza, a descriçao, & a fermosura ; mas de tal sorte foy entre ambas duvidosa a competencia, que nenhūa cantou a vitoria, porque sendo fermosa sem affectação, & discreta sem artificio, nem a descriçao pode fazer mayor a fermosura, nem a fermosura pode fazer mais subtil a descriçao. Estas partes, que em qualquer outro animo poderiaõ causar huma bem desculpada vaidade, era o que menos estimava o desenganado coração de D. Leonor Josepha

pha de Vilhena. O seu cuydado , & o seu estudo
era agradecer a Deos , o que lhe devia com o per-
petuo , & incançavel exercicio das virtudes. Em
todas as suas especies foy Heroina , & por esta cau-
sa serà celebrada a sua fama na veneração das ida-
des , que não duvidárão de a propor como exem-
plar dos mais perfeytos espiritos. Entre todas as
virtudes resplandecerão nella mais heroicamente
a Constancia , & a Piedade. A Constâcia , com que
soube vencer as adversidades da fortuna , vendo
cortada intempestivamente pela tyrannia da mor-
te aquella soberana flor , a Serenissima Senhora In-
fante D. Isabel Josepha , Augustissima irmã de V.
Magestade , de quem foy Dama com particular
estimação , & como quem melhor entende mais
sente , se mostrou a constancia do seu peyto em
não acabar na violencia de taõ alto sentimento ,
tambem mostrou aonde chegava a fineza do seu
amor , & da sua obrigação , pois conservando selhe
a vida , toda a sua duração lhe ficava para saudosa-
mente a tentir. A Piedade , com que soube mere-
cer o favor Divino para a justiça das suas petições ,
pois sem reparar na sua natural delicadeza , & sem
fazer caso das politicas do mundo , a pè , & descal-
ça visitava os Santuarios da sua mayor devoçao .
Não podia deyxar de conseguir o que desejava ,
quem combatia o Ceo com machinas tão podero-
** sas

sas, tão humildes, & tão pouco usadas. Achando
a fama destes prudentes, & piedosos exercícios
pequena esfera para a sua grandeza todo o Reyno
de Portugal, chegou ás suas dilatadas Conquistas,
aonde os que tinham venerado a fama desta Ma-
trona quando viva, mostráram na sua morte o co-
mo sabião sentir húa perda tão grande. Toda a A-
merica Portugueza na sua capital a populosa Ci-
dade da Bahia concorreu para sentimento tão jus-
to, & toda a generosidade de D. Leonor Josepha
de Menezes para tão sumptuosas exequias. Da se-
melhança dos nomes podia nascer esta magnifica
profusaõ, mas eu creyo que teve mais nobre ori-
gem, porque as virtudes por húa força occulta, q̄
intensivelmente se experimenta, em toda a parte
se fazem estimaveis, & veneradas. Com húa só ac-
ção celebrou a Bahia as virtudes de D. Leonor Jo-
sephá de Vilhena, & as de seu illustre consorte D.
Rodrigo da Costa, Governador, que foy daquelle
Estado. Não se podia dizer, que os obsequios de-
dicados á memoria daquella grande Matrona erão
lisonjas a D. Rodrigo, porque governou com tan-
to valor, com tanta justiça, & com tanta affabili-
dade, que tudo lhe era devido sem sospeyta, porq̄
a grandeza do seu merecimento era acredora des-
ta, & de outras mayores felicidades. Bem mostrá-
raõ os moradores da Bahia o como estavão obri-

6

gados, & saudosos da suavidade, & inteyreza do seu governo, pois tomando aquelle porto, quando voltava de governar como Viso-Rey o Estado da India, declaráão a alegria dos seus peytos nas publicas luminarias, & nas repetidas acclamaçôens, com que o receberão. Não erão estas demonstrações aquelles sabidos, & vulgares artificios, com que a industria dos homens costuma lisongear as vontades dos Governadores, que entrão, que tem muitas vezes por consequencia hú arrependimento sem fruto, eraõ effeytos de huma agradecida sinceridade, com que publicavão a equidade do seu governo, em todas as partes taõ prudente, taõ recto, & taõ admiravel, que pode ter a idea das mais acertadas acções. Pareceme que este papel, em que naõ vejo clausula contra o Real serviço de V. Magestade, se deve de imprimir, para que constem ao mundo as virtudes de D. Leonor Josepha de Vilhena, & a grandeza de quem com tanta generosidade as mandou celebrar. Nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia aos 15. de Novembro de 1720.

D. Joseph Barbosa.

LI-

LICENÇA DO PAÇO.

Que se possa imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à Mesa para se taxar, & sem isso não correrá. Lisboa Occidental 27. de Novembro de 1720.

Pereyra. Galvaõ. Oliveyra. Noronha. Teyxeyra.



AExcellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, digna, & amante consorte do Excellentissimo Senhor D. Rodrigo da Costa, Governador, & Capitaõ Geral do Estado do Brasil, & Vice-Rey da India, foy da esclarecida familia dos Mellos em Portugal, & de huma das suas illustrissimas Baronias, que derivada no seu principio, como rio de húa fecunda fonte, & de hum profundo lago de nobreza, pelo transito de muitos seculos, continua o seu curso com a mesma grádeza que traz da sua origem, ou, como rayo vibrado do seu primeyro Planeta, dilata por distantes orizontes o seu resplendor com o proprio lustre, que recebeo no seu oriente. A fidalguia do sanguue foy sempre atè no sexo inferior a melhor fiadora das heroicas acçoeis; por esta causa as obráraõ taõ generosas Lucrecia, & Porcia, húa da antiga prole de Lucrecio, & outra da familia consular de Catão.

A

Fo-

Foraõ seus pays o Senhor Manoel de Mello,
 Porteyro mòr, Regedor da Justiça , & Dom Prior
 do Crato, & a Senhora D. Francisca de Vilhena:
 nasceo na insigne Cidade de Lisboa , Metropoli
 da Lusitania , & Emporio do mundo : criouse com
 a educação , & exercicios que costumaõ ter as Se-
 nhoras do seu illustre sangue , & em idade oportu-
 na foy escolhida para Dama da Serenissima Senho-
 ra a Rainha Dona Maria Francisca Isabel de Sa-
 boyta , esclarão por onde sobem ás mayores digni-
 dades as Senhoras da superior esfera do Reyno.
 Com este dignissimo emprego, naquelle mais que
 humano emisferio , foy húa das estrellas , em que
 melhor brilhárão as luzes dos seus Augustos Pla-
 netas , & mais se comunicáraõ os seus reaes influ-
 xos ; & alcançou cabalmente o agrado Real da Se-
 renissima Senhora Dona Isabel Infante de Portu-
 gal; porque a simpatia dos genios , & das virtudes,
 conglutinou aquellas duas almas com o mais ef-
 treyto laço , com que o amor podia unir os dous
 extremos de Princesa , & de Vassalla.

Com estas prerogativas servio, atè que Deos
 nosso Senhor escolheo , & chamou a Serenissima
 Senhora Infanta para mayor gloria no Ceo,da que
 podia lograr na terra , ausencia que com inexplic-
 avel sentimento lamentou toda a naçao Portugueza,
 assim pela natural fidelidade com que ama,

ou idolatra ao Augusto sangue dos seus Monarcas, como porque o elevado entendimento, o animo pio, & as Reaes virtudes, de que se cōpunha aquela inculpavel vida, ainda em outro logeyto separadas da Magestade, consiliavaõ a mayor veneraçao.

Fez este cruel golpe no coraçao amante da Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena taõ viva impressaõ, que entregando-se ás jurisdições do sentimento, se vio repetidas vezes, não só entre os poderes, mas entre as mesmas dores da morte. Naõ admittio por largo tempo nenhum genero de alivio, nem deo attenção a varios tratos de vodas, que se lhe propunhaõ; atè que tendo-a Deos destinada para espolia do Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo da Costa, aceytou o consorcio deste Heroe com universal applauso, conhieendo o acerto desta união, naõ só os que a festejáraõ, mas ainda os que a pretendéraõ.

Neste feliz hymineo soy crescendo o reciproco affecto dos consortes, assegurado com o penhor dos caros, & desejados filhos, que saõ as prendas com que a natureza aperta os vinculos do amor conjugal, que tem a propriedade dos troncos, ou das vides, que com os frutos se fazem mais robustos, & se enlaçao mais firmes. Quando começoou a fortuna a mostrar a variedade com que perturba

o mais seguro estado das cousas humanas, & o disfabor com que alterna a gloria das suas maiores felicidades ; porque sendo preciso aos augmentos do Reyno ocupar o talento grande do Excellen-tissimo Senhor D. Rodrigo da Costa, em relevan-tes empregos nas regioens mais remotas , ou nos membros mais apartados , que por todo o ambito do mundo compoem o vastissimo corpo do dilata-do Imperio Portuguez , & abraça o estendido cir-culo da sua Coroa , & requerem tanto mayor cuy-dado , quanto mais distantes ficão do coração da Monarquia , o levou o merecimento , & a obediencia , húa vez ao Brasil , & outra á India , surcando longos mares , & atropellando perigos , que ainda depois de passados , poderiaõ causar susto ao animo mais intrepido .

Neste successivo serviço , fazendo á sua casa largas , & repetidas ausencias , poz á sua querida es-posa em desvelladas soledades , pois no curlo des-te penoso tempo tudo erão no seu amor lembran-ças , na sua consideração receyos : a inconstancia das ondas , a diferença dos climas , a distancia dos lugares , a contingencia dos casos lhe represen-tavão hum caos de horrores ; lendo estas fantesias as armas , que forjadas na confusa officina da sua imaginação , lhe assaltavão de tropel ao peyto , & ferindo-lhe o coração , chegavão a rasgarlhe a al-ma :

ma : já lhe não dava tanto combate a pena da ausencia, como a do perigo, fazendo-se tão raro o genero do seu martyrio , que lhe ficava sendo a saudade o menor tormento.

Esta continua luta de pensamentos lhe foy limando o vigor do alento, & adelgaçando o fio da vida, de tal sorte, que quando tornou a ver presente o objecto dos seus cuydados, a bataria q' elles lhe tinham feyto, não deyxou forças ao seu coração, para lograr o contento de tão suspirada companhia, como quando o corpo humano enfraquecido , pela falta do necessario apetecido alimento , em o chegando a receber á proporção da vontade, não só o naõ nutre , mas o arruina. O mesmo experimentou esta Excellentissima Senhora , pois chegando a Lisboa o seu saudoso consorte triunfante dos perigos, & cheyo de laureis, não pode muito tempo resistir ao alvoroço , que no seu peyto fazia esta extrema alegria ; porque quiz a natureza, ou a fortuna , darlhe a gloria de morrer pelo seu amor , com lhe offerecer novo accidente , em que perdendo a vida , acrisolasse todos os extremos do seu affecto.

Foy este a perigosa enfermidade, que em breves dias da chegada do Excellentissimo Senhor D. Rodrigo da Costa á Corte , o acometeo com tanta molestia , & tão grande força , que se chegou á

deseesperar da sua melhora, & a temer a sua morte: nesta oppresaõ foy taõ cõtinua a assistencia da Excellentissima Senhora D. Leonor, tal o seu desvelo, tanto o seu temor, que nas diligencias da cura, no alivio do enfermo, no recurso dos Santos, obrou taõ nunca vistos excessos, que elles lhe acabaraõ de esgotar os já exhaustos aletons, & lhe tiraraõ de todo aquella heroica vida, benemerita de eterna duração. Mas se foy breve no curlo, foy no exemplo muy dilatada.

Naõ vive mais quem mais dura, senão quem melhor obra: naõ se contou à Simiramis a vida pelos annos, senão pelos triunfos: a Dido a duração pela idade, senão pelas acçoeis: a Ráquel o tempo pelas primaveras, senão pela fermosura: as prerrogativas fazem os séculos, as virtudes constituem a eternidade; & por esta conta os poucos lustros desta Heroína forao muy largos annos, & o seu tempo breve lhe compoz húa longa idade.

Faltou finalmente a companhia ao esposo, o Excellentissimo Senhor D. Rodrigo da Costa, mas naõ se sepultou com ella o amor; porque nos retratos de tres bellissimos filhos, lhe deyxou repartida em mais copias a sua imagem, & substituido em mais vidas o seu original: & se deyxou de ser presente á criação daquellas amorosas prendas, naõ fez falta á sua educação, pois nas suas memorias

podem elles aprender a melhor doutrina, & pelo seu exemplar, compor a mais verdadeyra idea do melhor, & mais heroico procedimento, & chegar ao cume da mais gloriafa fama.

Foy o seu falecimento em treze de Junho, dia do gloriofo Santo Antonio de Lisboa, que tendo a sua mesma patria por nascimento, lhe deo para o transito o seu proprio dia! Chegou brevemente a triste nova da sua morte a esta Cidade da Bahia, cujos moradores obrigados aos beneficios, que lhes resultou do grande governo do Excellentissimo Senhor D. Rodrigo da Costa, acompanhárao a sua pena com sentidas lagrimas. Mas cõ mayor extremo a Senhora D. Leonor Josepha de Meñezes, espolia do Secrerario do Estado Gonçalo Ravaſco Cavalcanty & Albuquerque, a qual recebendo innumeraveis honras da Excellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, quiz juntar as demonstraçoens de agradecida, ás obrigações de amante, fazendo-lhe hūas solemnies exequias, & levantando lhe hū decente tumulo, cuja fabrica, & despoſição encarregou ao Secretario do Estado ſeu esposo.

Determinou que este acto fe celebrasse na Caſa da Santa Misericordia, que por ser a caridade hum dos attributos daquellea Excellentissima Señhora, esta virtude ſua tão ſubida em nenhum ou-

tro

tro sagrado teatro podia ser com taõ propria imitaçao representada. Tem algüs lugares identida-
de com algumas acções: em o Templo da Deola Concordia fazião os Romanos os publicos con-
selhos para os ajustes da paz, & no da Deosa Bel-
lona os pertencentes às disposições da guerra.

O tumulo, ou cenotafio, (cuja perfeyção, &
grandeza, naõ se pôde cabalmente dar a conhe-
cer, a quem o naõ vio, nestes borrões,) era de ar-
quitectura corintia: tinha de alto quarenta & cin-
co palmos; de frente vinte & quatro, & trinta &
dous de fundo; assentava o primeyro corpo em hū
plinto de hū palmo de alto, ornado com trinta to-
cheyras de prata, em que estavão outros tantos
brâdões de cera: sobre o qual hia hū degrao de tres
palmos, em q̄ descançavão doze quartellas de oy-
to: ficavão estas quartellas duas em cada hū canto,
& húa no meyo de cada frente, que formava, &
dividia dous payneis em cada face: entre as quar-
tellas dos cantos hia huma engrá, que as apartava
ressalteada para ambas as partes, de largura de hū
palmo, acabando este primeyro corpo com vasa,
& lotavasa na fórmā da ordem corintia.

Sobre este se formava o segundo corpo, &
principiava em oyto pedestaes de cinco palmos
de alto, & dous nos cantos: nelles se assentavão
outras tantas colunas retrocidas, que com baze, &

capitel tinhão onze palmos & meyo , recebendo hum cornijamento de tres & meyo , que se compunha de cornija, frizo , & arquitrave , da mesma arquitectura corintia : nos intercolonios dos cantos hiaõ as proprias engras resalteadas , que apartavaõ as colunas , & junto a ellas pelas partes das frentes os pilares , que formavaõ hum arco abatido em cada face : em correspondencia de cada columna estava húa piramide redonda , que tinha nove palmos de alto, em pedestal, bojo, & garganta: em cima do cornijamento descãçava o zimborio, que tinha oyto palmos , & rematava em húa peanha de cinco.

No vaõ, que nesta fabrica de cima formavaõ as colunas , & arcos , se levantava o corpo do meyo, composto de tres corpos, dos quaes o primeyro tinha de alto quatro palmos , de largura doze, & dezoyto de fundo : o segundo se formava de doze quartelas , de cinco palmos de alto , duas em os cantos , & húa em cada frente : tinha de largo nove palmos, & quatorze de fundo: o terceyro, & ultimo corpo que assentava em hum degrao de hum palmo , era de oyto quartelas , que tinha de alto quatro palmos , seis de frente , & doze de fundo, sobre o qual jazia a urna , ou tumulo , que tinha quatro palmos de alto , tres de largo , & oyto de comprido,

Toda esta maquina se vestia de lustroso gor-
gorão de seda negra , com guarnições , & lavores
de flamante galão de ouro, formando em seus pro-
prios lugares , & por todas as quatro frentes do
Mausoleo muitos ramos , & varios florões , tam-
bem tecidos, que pireciaõ bordados. Estava o vaõ
da cupulla , ou zimborio forrado da mesma seda
com galaõ de prata , vestido o corpo do meyo, que
lhe ficava debaxo de lò negro com flores de ou-
ro , cobrindo a urna , ou tumulo hum rico panno
de lò encarnado, com ramos , & franjas de ouro.

Em todas as quatro faces se via, como fexo de
cada hum dos arcos , húa tarja com hum escudo,
composto das armas de ambos os consortes , em
testemunho do seu perpetuo vinculo, que une, naõ
só as pessoas, mas tambem as emprezas.

Floreciaõ no tumulo com funebre verdor , &
pompa triste muitos ciprestes , a quem deo a na-
tureza por representaçaõ a malenconia , & a arte
por terreno a sepultura.

Sobre o zimborio, rematava toda a fabrica for-
mado devulto hum simulacro , que com o index
de húa maõ posto na boca conciliava o silencio,
& com o de outra apontando ao tumulo , estimu-
lava a vista ; sendo difficult preceyto ver , & callar,
aonde aos olhos despertos de tantos Argos,acom-
panhavaõ os suave s lamentos de tãos Cisnes : po-

rêm a vista que pedia , eraõ prantos , & o segredo que propunha , eraõ respeytos.

Naõ se puzeraõ neste Cenotafio outros gerglificos , & estatuas ; porque da Excellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena as prerogativas foraõ os emblemas , & as virtudes substituirão as imagens , impressas nas memorias , & vivas nas saudades .

Mais de trezentos fogos resplendeciaõ no tumulo , & alumavaõ o Templo , com huma tambem ordenada confusaõ de luzes , que senaõ distinguia , se eraõ tochas , que brilhavaõ , ou estrellas que ardiaõ .

Estava toda a Igreja desde o pavimento atè o tecto cuberta de negro , primorosamente guarneçida de galões de prata , vestidos os Altares de veludo , & brocado roxo .

Sendo este grave espectaculo hū fatal desengano da vida , formava a sua fermosa perspectiva hum raõ agradavel objecto aos olhos , que em delicias da vista , se trocavaõ os horrores da imaginação , & se a morte pode ter lugar ameno , este era o seu tempo .

Em a matina do dia trinta de Outubro deste presente anno de mil setecentos & quatorze , o porfiado dobrar dos finos deo finaes do acto , que principiou com grande numero de Missas , em que

luziraõ a devoção, & a liberalidade, & se celebráraõ as exequias officiadas pelo M. Reverendo Cabido, acompanhado dos Beneficiados, & Capelães da Sè, & da Misericordia, com muitos còros de Musica, em cujo concurso, sendo tudo hñ suave conflato de vozes, fazia hum saudoso concerto de armonia.

Assistio na primeyra tribuna o Excellentissimo Senhor D. Pedro Antonio de Noronha, Marquez de Angeja, Conde de Villa Verde, dos Concelhos de Estado, & Guerra, Vedor da Fazenda, Vice-Rey, & Capitão General de mar, & terra da India, & do Brasil, a quem o sublime nascimento, & o inclito valor, pozeraõ nas mãos as redeas do governo das mais dilatadas porções do mundo, & a fortuna aos pés os despojos das mayores Conquistas, não deyxando aos antecessores nestes altos empregos nada por competir, & dando aos successores muito que imitar; cujo suave poder tem obrado no Brasil em poucos mezes de domínio, tudo quanto se podia conseguir em muitos annos de imperio: & achando estas Províncias perturbadas de alterações populares, & desuniões domesticas, a todas poz em segura paz, fechando as portas a Jano, & abrindo-as á felicidade dos subditos: & honorificou este acto com as preeminentias da pessoa por tantos titulos grande, & com

(13)

os lutos de parente, por tantas razões sentido.

^{sup} Na propria tribuna lhe fez companhia, com a gravidade da veneranda presençā, & com o sagrado da alta Dignidade, o Illustrissimo Senhor D. Sebastião Monteyro da Vide, Arcebispo Metropolitano deste Estado, cujo elevado entendimento, & incançavel animo (a todas as luzes grande) a pezar dos annos, & dos achaques, lhe estaõ sempre substituindo as forças, para naõ faltar ás attenções, sendo esta na presente occasião, naõ só devida a grande respeyto, mas tambem tributo á estreita amizade.

^{sub} A nobilissima Mesa da Santa Misericordia esteve no seu custumado, & decente lugar congregada, concorrendo com a sua assistencia para a celebriade do acto, & pagando com esta fineza a escolha, que da sua casa se fez para esta acção.

^{sub} Nas demais tribunas, no coro, & nos outros lugares da Igreja, se acomodáraõ varios Ministros, Prelados, & Religiosos de todos os Mosteyros, & Conventos da Bahia: quasi toda a Nobreza, & muyta parte do povo, que no pavimento do Templo se pode introduzir, naõ obstante as muitas defensas que por evitar algua desordem se lhe poz.

^{on} Pela queyxā com que ainda se achava S. Illustrissima, mal convalecido de hum molesto acha-

que, não pode celebrar a Missa, a qual disse o Doutor Sebastião do Valle Pontes, Dignissimo Deão da Sé da Bahia, Chanceller da Relação Ecclesiastica, Varaõ notavel, & pelas raras virtudes, & grandes letras benemerito de mais relevantes lugares: assistiraõ lhe por Diacono, & Subdiacono dous authorilados Capitulares.

No fim della entrou a orar o Doutor Joaõ Calmon, Dignissimo Chantre da mesma Sé, Comissario do Santo Officio, & da Bulla da Cruzada, Desembargador da Relação Ecclesiastica, sogeyto por prendas dos demais quilates, & por procedimento dos de mayor suposição, & dos mais scientes, & discretos Oradores deste Estado.

Com este largo, & discreto periodo, & com os Responsorios, teve fim esta acção na celebriade, porém não na lembrança, onde o motivo deposita tanto mais seguramente os sentimentos, quando se vêm mais acompanhados da admiraçāo.

As imagēs da memória se reformão pelos espectaculos da vista, & o assombro estimula a imaginação. Tudo nos quiz representar nesta Scena a Senhora D. Leonor Josepha de Menezes, matrona, em quem se competem, em elevado grao a nobreza do sangue, & a piedade, & a grandeza do

ani-

(15)

animo. E se os Romanos levantáão hum Templo a Nenia , porque fazia suffragios aos mortos: Se a fama deo tantos cultos a Artemiza , porque edificou o Mausoleo; com razão deve a Patria levantar a esta Senhora huma estatua , & o mundo dar ao seu nome húa grande veneração.

Notumulo, ór exequias da Excellentissima Senhora D. Leonor Zelofha de Vilhena.



VER



VER S O S D O C O R O N E L Sebastiaõ da Rocha Pitta.

No tumulo, & exequias da Excellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena.

S O N E T O .

Este fermoſo horror, esta clauſura,
De luz no Ocaso poſta, he monumento,
Sempre da vida horrivel ſentimento,
E hoje eſcandalo triste da ventura.
Moſtrou tyranno imperio a ſepultura,
Pois aqui transformou ſeu duro acento,
Em ludibrio, em ruina, & desalento,
A' nobreza, ao valor, & á fermolura.
Cabe emſim de Leonor a humana gloria,
No ſepulchro, & não cabe com verdade,
Na tradição, no hiperbole, & na hiftoria.
Mas logra até na morte o ſer Deidade,
Pois tem cultos nos templos da memoria,
Sacrificios nas Aras da ſaudade.

C

DO



DO MESMO AUTHOR.

*Epitafio à Excellentissima Senhora Dona Leonor
Josepha de Vilhena.*

SONETO.

Foy Leonor no mayor Reyno gerada,
Das prendas mais gentis enriquecida,
Do mais illustre sangue produzida,
Com o melhor consorte desposada.
Deyxou a descendencia mais amada,
A mais famosa Corte enterneida,
Logrou em curso breve heroica vida,
E foy com longo pranto sepultada.
O concurso de gloria relevante,
Que lès neste Epitafio sem segundo,
Não acharás em outro, oh caminhante.
E nota que ao cadaver tão fecundo,
Que em pouca terra jaz na Patria amante,
Lhe dá por urna a fama todo o mundo.

OO

OO

DO

DO MESMO AUTHOR.

Ao Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo da Costa.

S O N E T O.

Senti, oh grande Heroe, que na grandeza,
Cabe tambem das ancias a profia,
E em contendas de affe^cto, & valentia,
He razão que ao valor vença a fineza.
Saõ as acções contrarias desta empreza,
Huma quimera, & outra simpatia;
Resistir ao amor he fantesia,
Ceder ao sentimento he natureza.
Propender ao valor mais que ao tormento,
Fora, mais que inteyreza, cruidade,
Que arrastara ao poder do sentimento.
Pois ninguem deve amando na saudade,
Dar attenções aos creditos do alento,
E faltar aos impulsos da vontade.

C ij

DO

DO MESMO AUTHOR.

Ao cadaver em os lumes, & aromas do Mausoleo.

DECIMAS.

B Ellefa Ufana , & rendida,
 Que tés por obsequio, ou sorte
 Toda entre luzes a morte,
 Toda entre sombras a vida:
 Marchita rosa, & lusida,
 Que com aromas , & ardores,
 A hum quadro de mortas cores,
 Fazes em globo sucinto,
 Ou de luzes laberinto,
 Ou constellação de flores.
 Entre alentos, & delmayos,
 Tés em theatro de horrores
 Até nas cinzas fulgores,
 Até no sepulchro rayos:
 Parecem da vida enlayos,
 Ou saõ da morte cautelas,
 Pois até nas sombras bellas,
 Com que o teu occaso inflamas;
 Es Feniz ardendo em chamas,
 Es Sol dando luz a Estrellas.

DO

DO MESMO AUTHOR.

Ao Mausoleo.

ROMANCE.

Noble aparato engañozo,
 Que con luz infesta brillas,
 Para el dezero esperança,
 Para el alivio mentira.
Idea triste, que elevas,
 Caduco aliento, que inspiras
 Un dolor, todo verdad,
 Un bien, todo fantezia.
Espectaculo, que alientas
 A la memoria, y la vista,
 Y por imagenes hablas,
 Unas muertas, y otras vivas.
En quantas formas ostentas,
 No conoce quien te mira,
 O si está la noche hermosa,
 O si está nublado el dia.
En el cadaver que guardas,
 A un muestran, que estan con vida,
 Todo el valor en desmayos,
 Toda la lumbre en cenizas.

Crijij Tro-

Trofeos son de la Parca

Quantos horrores animas,
Despojos de la hermosura
Todas las luces que vibras.

Dela belleza, que tiene

Este Planeta , que eclipsas,
Cortò la muerte sus galas,
Hizo sus pompas la Pira.

Hallò toda sua ganancia,

La muerte en esta ruina,

Que solo despojos tales,

Pudieron dexarla rica.

Pero si esta gloria en ella,

Nò fue valor, sinò dicha,

Blazone de venturoza,

Sin presucion de atrevida.

Pero que importa ,oh sepulchro,

Que en tu vanidad profigas,

Si ha de acabar con el tiempo,

Tu gloria, o tu tyrania.

Y Lionor viste esplendores

En suprema esfera altaiva,

Nò como Planeta errante,

Sinò como Estrella fixa.

Y está logrando en el Cielo,

Con otro amor mas dilicias,

Sin tributo de las penas,

Sin pencion de las envidias.



Ao Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo
da Costa.

S O N E T O.

*Do Padre Manoel Ferreyra da Luz, Promotor
do Arcebispado da Bahia.*

LEvanta a voz Rodrigo, ò Varão forte,
Descobre o teu valor no peyto armado,
E verão sem questão determinado,
Que o amor já venceo a cruel morte.
Pode esta pòr leys da humana forte,
Desunir o composto mais amado,
Mas não pode offendelhe o animado,
Já seguro no peyto do consorte.
Por teu esforço digno de memoria,
Se conserva o melhor da fermosura,
Com applausos notaveis para a historja.
Logra pois, fiel peyto, essa ventura,
Em que alcança Leonor eterna gloria,
Solta, por mãos da morte, da clausura.



A' mysteriosa Estatua sobre o Tumulo.

S O N E T O.

Do mesmo Author.

Silencio no alto monte, Amor pedia,
Das ruinas que o valle lhe ocultava,
E quando assim suspenso se callava,
Mais o effeyto do estrago descobria.

Sentido ao alto monte Amor sobria,
A chorar o que o valle sepultava,
E quando o grande culto celebrava,
Então o punha aos pés , & não o via.
Oh callem ! que ao seu Sol já recolhido,
Se inclinava a attenção tão applicada
Ponderando no Ceo culto lusido.

E se com tanta gloria está elevada,
Não se admira no monte de sentido;
Pede attençao a todos admirada.

A's

*A's exequias da Excellentissima Senhora Dona
Leonor Josepha de Vilhena.*

S O N E T O . O justada

DO MESMO AUTHOR.

A Promessa que fez Jacob jurada,
A cumprio, com o culto prometido,
Joseph seu filho amante, & o mais querido,
No sepulchro em a terra assinalada.

Depois daquella acção já celebrada,
Convocado o concurso mais lusido,
Fez em Arca a seu pay culto devido
Nas exequias da dor mais pranteada.

No culto de Leonor mais se sentia,
Sem preceyto, o empenho da tristeza,
De Rodrigo que longe lhe assistia:
E foy tal este excesso de grandeza,

No pranto dos mayores da Bahia,

Que deo regra ao primor, alma à fineza.



*A' prodigiosa vida, & morte da Excellentissima
Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena.*

O Y T A V A S.

Do mesmo Author.

AAcção me move Amor, o entendimento
A julgar, que Leonor resuscitada,
Fez triunfo da morte, & do tormento,
Passando a essa gloria eternizada.
Notem todos na Estantua o pensamento,
E verão que no tumulo admirado,
Reconhece o mysterio por figura,
Que a Maria pasmou na sepultura.
O famoso Orador o ha explicado,
Ou ao menos bem claro o pronostica
Na observancia das letras, que ha citado,
De Leonor donde a morte certifica.
Deyxando o vaticinio acreditado,
Como a pura verdade o testifica,
Contra os golpes da morte que esperada,
Fica a vida mais certa, & dilatada.

Joan. cap. 20.
20. 11.
Matth.
28. a 1.
Marc. 16.
a 5.
Luc. 24. 2
4.

Senec.
epist. 30.

Mas

Mas que muyto, se a grande caridade,
 E amor a fazião tão unida,
 Com os justos preceytos da verdade,
 Sem receyos de dar a propria vida:
 Toda foy para os actos de humildade,
 Com que a amada pobreza era servida,
 Tè que em sono ficou toda elevada
 Que assim passa húa vida que he ajustada.

A peste por David soy escolhida,
 Por mayor dos tres males, que alcançava,
 E Leonor sem ter medo punha a vida,
 Servindo o hospital, onde ella estava:
 A escolha de David era devida,
 Leonor sem preceyto se obrigava,
 Pondo em riscos a vida do espolo,
 Que a seus rogos servia muy zeloso.

Raro exemplo he o que iguala tanta dita,
 Foy assombro Leonor na caridade,
 Que imitando a de Deos toda infinita,
 Se fez centro da mesma piedade:
 Exemplo em que a grandeza se recita,
 Segura no temor na adversidade,
 Sem receyos da dor, da dura sorte,
 Que os não teme o que cuya da bem na morte.

A morte que se oppoem sempre ao soccego,
 Executa o seu golpe sem piedade,
 Tyrannizando a vida com despego,

D ij

Sem

 Senec. ad.
 epist. in
 fine.

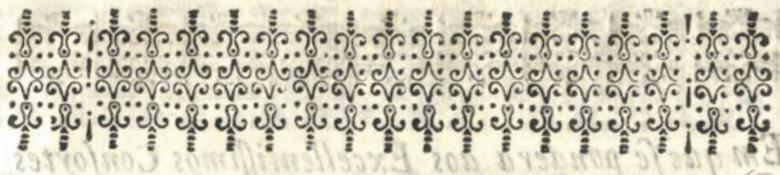
 2. Reg. 7.
 12.
 3. Reg. 2.
 10. 11. 21.
 43. 14. 10.
 Sap. 3.
 Matth. 9.
 24.
 Joan. 11.
 11.
 Act. 7. 6.
 13. 25. 6.
 1. Cor. 11.
 29.
 1. Then.
 4. 13.
 Reg. 2.
 cap. 24. 14.
 Par. 21. 6.
 13.
 Dan. 13.
 cap. 23.

Sem exceção, primor, fé, lealdade:
 Mas na grande Leonor não fez emprego
 Por decreto, & poder da Divindade,
 Pois se morte não ha sem dar disgosto.
 Da virtude só nasce puro gosto.

Adoeceo Rodrigo esposo amado,
 E como Leonor seu mal sentia,
 Para o mal era hum corpo o magoado,
 Quando húa, & outra alma o padecia:
 Oh firme, & santo nò, que por Deos dado,
 Taõ reciproca faz a companhia,
 Que não podem ser socios com verdade,
 Não se amando, & não tendo caridade.

Amante Leonor em romaria
 Descalça á Mây de Deos assim fallava:
 Que na vida do esposo mais perdia,
 Que na sua que logo alli deyxava:
 E quando a sua morte assim pedia,
 Porque o esposo da morte se livrava,
 Achou em melhor vida eternidade
 Onde os justos não tem mortalidade.

Na obesiva das vidas
 Sem lecção das doer, das durezas mortais.
 Que os uero tempo o deu certeza de morte
 Coatra os olhos de luto bieadas,
 Fim a vida logo com desgostos.



Ao Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo
da Costa.

S O N E T O.

Do Capitão Thomé Monteyro de Faria.

NAs saudades de amor , puro , & constante ,
Pena Rodrigo , & chora amargamente ,
Todo vivo no impulso com que sente ,
Quasi morto na chaga penetrante .
Innunda em copioso pranto amante ,
Porque o tropel da dor , do mal a enchente ,
Contrastando a húa vida taõ valente ,
Já não cabem num peyto agonizante .
Exhalla o coração em tal espanto ,
Que nos golpes da pena repetida ,
A hum tempo vive , & morre com encanto
Porque no grande horror desta ferida ,
Não pode o peyto represar o pranto ,
Nem pode o pranto destilar a vida .



*Em que se pondera aos Excellentissimos Consortes
dous esclarecidos Soes , hum nascido , &
outro posto.*

S O N E T O .

DOus Soes a illuminar esclarecidos
Na Europa se admiráraõ sublimados,
E tanto que luzirão admirados,
Da propria luz ficáraõ suspendidos.
Sendo assim, que naõ podem ser luzidos,
Na terra dous Planetas encontrados,
Para luzir se viraõ apartados,
Para brilhar se viraõ despedidos.
Suspenda pois a magoa o seu imperio,
Cesse o funebre pranto, o èco triste,
Triunfe nos corações altivo o gosto;
Porque sendo dous Soes neste emisferio,
Hum nascido na terra nos assiste,
Outro no Ceo com gloria se vè posto.

Saudo-

*Saudosa exclamacion del Excelentissimo Señor D.
Rodrigo da Costa al funebre tumulo, en que
yaze el Excelentissimo cadaver de la in-
clita Señora D. Leonora Josepha
de Villena su Espofa.*

R igoroſo, y funeſto monumento,
O rnato, que a mi pecho ſolo imitas,
D ime porque a los ojos oy me quitas
R ayos, que al coraçon me dan aliento?
I nclita Eſpola, en cuyo luſimiento
G lorias goſava amor, ſi a llanto excitas,
O y ſi no es en mi alma, donde habitas?
L lebanta al Cielo alegre el pensamiento,
E clipſar no permitas dós eſtrellas
O jos que me alentavão, dulce Eſpoſo
N o llores, canta el triunfo, y la vitoria
O h! que ſe alla goſe tus luſes bellas
R utilante oy eternamente goſo
A ſtro, luſ, Sol, Planeta, Cielo, y Gloria.

Repu-
esta,

A la



A la Excelentissima Señora D. Leonor Josepha de Vilhena en su muerte.

S O N E T O.

De Juan de Brito & Lima.

En activo arrebol, en pira ardiente,
El Arabico paxaro procura,
Reduciendo a cenizas su hermosura,
Posterizar su vida eternamente.
Como Fenis la hermosa Leonor siente
De la muerte cruel la pena dura,
Hallando en sus estragos la ventura,
En su fragilidad ser permanente.
Vvir para morir es ley sabida,
De que nadie se exime por mas fuerte,
Rigorosa pencion de nuestra vida;
Pero Leonor, con mas divina suerte,
Muriò, para vivir como entendida,
Sacando nueva vida de la muerte.



Al mismo intento

S O N E T O.

Por el mismo Author.

Hero infelice Piramo impaciente
Al mar se arroja, matase ignorante,
Sin que tengan los dos fuerça bastante
Para sentir tormento tan vehemente.

Muere Leonor, ya un que Rodrigo siente
En su pecho dolor tan penetrante,
Vivir desea eternamente amante,
Para que llore amante eternamente.

La muerte pone termino al tormento;
Quien es, por no penar, de si homicida,
Solicita a la pena algun contento.

Fue fineza en Rodrigo mas subida,
Entregando la vida al sentimento,
Al sentimento nò entregar la vida.

A morte da Excellentissima Senhora D. Leonor
Josepha de Vilhena nas suas exequias, sup-
pondo-se fallando o Excellentissimo Se-
nhor D. Rodrigo da Costa com o tu-
mulo, por anagramas de am-
bos os nomes.

SONETO I.

Do mesmo Author.

Rico thesouro, donde a luz mais pura
O calo achou com funebre tristeza,
D ame as cinzas que guardas da belleza,
R eliquias desprezadas da ventura.
I ulgas por seres pedra, que a brandura
G astar da agua não pode essa dureza:
O s meus olhos serão para esta empreza,
D engano total, que es pouco dura.
A s lagrimas continuas farão logo
C oanto me negas, augmentando a magoa,
S eres tão cruel a tanto rogo:
O e julgas poucas saõ, do peyto a fragoa,
T antos incendios lançará de fogo,
A tẽ que te desfaça a fogo, & agua.

SO-

SONETO II.

Do mesmo Author.

D eposito de horrores , que abatidas
 L ografas as cinzas mais authorizadas,
 E ra melhor que fossem sepultadas,
 O nde da morte foraõ divididas.
 N aõ seraõ pouco bem vellas unidas,
 O utra vez a meu peyto tresladadas
 R ecobrando os alentos abrazadas
 J á no seu fogo Feniz renacidas.
 O h se chegara tal a concederme,
 Z elos á morte dera por vingarme,
 E em que gloria mayor podera verme?
 P orém quando este bem naõ queyras darmel
 H ey de unir a effas cinzas , sem determe,
 A s cinzas em que amor ha de abrazarme.

E ij

A la

A la Excelentissima Señora D. Leonora Josefá de Villena, suponiendo la flor por la hermosura, y poca duracion que tuvo su vida.

Mote alhey.

Aprended flores de mi
Lo que vâ de aher a oy,
Que aher maravilla fuy,
Y hoy sombra mia a un no soy.

G L O S A.

Del mismo Author.

Hermosas desvanecidas,
Flores del mundo locano,
Si haveis de morir temprano
Porque sois tan presumidas?
No hagaes firmesa en las vidas,
Que es muy loco frenesi:
Ved flores que yo feneci
En el verdor de mis años,
Y pues os doy desengaños,
Aprended flores de mi.
Una flor muerta os avisa,
Cada qual mire su error,

Que

Que puede agora ser flor,
 Y mañana ser ceniza.
Ufana vivi con riza
 Aher , pero oy muerta estoy,
 Y puede ser lo que oy soy
 Mañana qualquiera vana,
 Porque ha de ir de oy a mañana
 Lo que vá de haera oy.
No presumaes de hermosura,
 Flores vanas , sin consejo
 Miraos en mi, como espejo
 Y vereis vuestra locura.
 Que importa aquella blancura,
 Que os haze aquesse carmi,
 Si los que me ven a mi
 Palida, marchita, y muerta
 No tienen por cosa cierta
 Que aher maravilha fui.
Pues fui mas que maravilla,
 Porque fue tal mi hermosura,
 Que hizo sombra a la luz pura
 Del Planeta , que mas brilla,
 La Parca , que todo humilla,
 Me dá desengaños oy,
 Y tan demudada estoy
 De mi passado arrebol,
 Que haziendo sombras al Sol
 Oy sombra mia a un no soy.

*A la muerte de la Excelentissima Señora D. Leonor
Josefa de Vilhena, en el dia de sus exequias,
en cuyo Mauzeolo se puso la figura del Y
silencio sobre el zimborio.*

Mote alheyo.
Solo el silencio testigo
Ha de ser de mi tormento,
Ya un nò cabe lo que siento
En todo lo que no digo.

GLOSA.

Del mismo Author.

En aqueste Mauzeolo,
Urna triste de Leonor,
Para ser mas el dolor,
Se mira el silencio solo.
Aunque quanto illustra Apolo
Me acuse, porque no digo
El mal, que callar me obligo;
Se el callar es mas finesa,
Sea pues de mi tristeza
Solo el silencio testigo.
Si la pena por aguda
La lengua nò la publica,

Mejor

Mejor a la pena explica

Aquella figura muda:

Callar la lengua no duda,

Con gusto, el dolor que siento,

Que se callando le augmento

El mal que mis gustos pausa,

Por alivio aquesta causa

Hade ser de mi tormento.

Muerta aqui Leonor se advierte,

Por esto el silencio triste

Mudo Coronista assiste

Al funeral de su muerte.

Donde el silencio es tan fuerte,

Callar devo mi tormento,

A' costa del sofrimiento,

Bien que en mi coraçon hallo

Solo cabe lo que callo,

Ya un no cabe lo que siento.

En tan horribles enojos,

En tan horrible pesar,

Siendo preciso callar

Por la lengua hablen los ojos:

Rindan liquidos despojos

A mi dolor enemigo,

Ya que otro bien no consigo,

Y el silencio con primor

Explicarà mi dolor

En todo lo que no digo.

Ao

Ao sumptuoso Mausoleo que mandou fazer a Senhora D. Leonor Josepha de Menezes, para as exequias da Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena.

D E C I M A.

Do mesmo Author.

Esta elevada grandeza
Deposita com primor,
Se as cinzas de húa Leonor
De outra Leonor a fineza.
O garbo, a galla, a belleza
Em nada jaz reduzida,
Ostentando agradecida
Leonor, de Leonor na sorte,
Entre os horrores da morte,
As obrigações da vida.

Epua-



Epitafio na morte da Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena, mulher do Señor D. Rodrigo da Costa, Vice-Rey que foy do Estado da India.

S O N E T O.

A Qui jaz quem Sol foy da fermosura,
Aqui jaz quem foy pasmo da belleza,
Aqui jaz quem no mundo sem firmeza
Retrato foy da flor, que menos dura.
Já de assombros acaba a luz mais pura,
Já de sombras a veste a natureza ,
Já rendida da morte com certeza
Por despojo te vè na sepultura.
Da fermosura pois Sol eclipsado,
Se pasmo da belleza amortecida,
Se viva luz sem sombra malograda.
Sois no mundo thesouro sepultado,
No Ceo sereis estrella mais luzida,
Na gloria sereis luz mais apurada.

F

Quey-



*Queyxa-se o Heroe mais constante da sorte, porque
lhe conserva a vida, na morte do sogeito mais
amado, na falta do bem mais para
sentido.*

S O N E T O.

Pelo Lecenciado Antonio Lopes de Ulhoa.

TYranna Parca? rigorosa sorte?
Traydora, que sem alma me deyxaste?
Como se ontem a vida me tiraste,
Intentas hoje dilatar me a morte?
Se para hum bem roubarme, o duro corte
De teus agudos fios apressaste,
Como agora cruel, os embotaste,
Sòmente porque sinta o mal mais forte?
Mas já vejo que em magoas taõ notorias;
O teu poder, ò Parca, me condena,
A viver entre as mais tristes memorias.
Porque quer teu rigor, & o Fado ordena,
Que para mais sentir passadas glorias,
Naõ perca a vida na presente pena.

A' im-

À immortalidade da Senhora D. Leonor Josephina de Vilhena.

S O N E T O.

Do mesmo Author.

Detenho passo, ó caminhante, attende,
Ouve, repara, & reverente espera,
Chora, suspira, admirate, & venera
Essa Pira, que os animos suspende.
Se por tumulo a tés adverte, & entende,
Que inda que lutos vista a nova esfera,
Em que o Sol mais luzido reverbera,
Supposto que occultar a luz pertende.
Mas não he muyto esfera seja agora,
Quem da mayor belleza he monumento,
E quem Leonor illustre em si a thesoura,
Que para ser dos seculos protento,
Quando morta a julgou Clora traydora,
Então mais viva está no Impireo assento.



A morte da Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena.

S O N E T O.

Do mesmo Author.

Nessa Pira funesta em cinza fria,
Convertida se vê toda a belleza,
E hoje paga pensoés á natureza
Quem tributos pedirlhe ontem podia.
A mesma que no illustre ontem vencia
Da Europa o mais lusido da nobreza,
Prostrada já por terra essa grandeza,
Hoje se vê sem pompa, & fidalguia.
Alerta pois mortaes ! toda a vaidade
Desferre de seu peyto o que procura,
Viver feliz por toda a eternidade.
Pois sabe naõ escapa á Parca dura,
Nem o lustre mayor de húa Deidade,
Nem o proprio exemplar da fermosura.

A mor-

A morte da Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena.

Mote alheyo.

En este comun dolor
Advierta el cuerdo sentir,
Que no es dexar de vivir,
Morir pera ser mayor.

G L O S A.
Del mismo Author.

En un dolor tan sinuento,
Y una pena tan sin par,
Qualquiera deve llorar,
Pues de qualquiera es tormento:
Comun es el sentimiento,
En la muerte de Leonor,
Porque como el bien mayor
De los ojos se le auzenta,
Nadie de llorar se izenta,
En este comun dolor.
Todos sienten con ternura
De su suerte la mudanca,
El que es cuerdo con templanca,

El que es necio sin cordura:
 Pero como su hermosura
 Muriò para mas vivir,
 Qualquiera deve advertir,
 Que es mejor vida esta muerte,
 Y ansi si el necio no advierte,
 Advierta el cuerdo sentir.

Advierta que su beldad,
 Muerta en aqueste ataúd,
 Fenix unica en virtud
 Renace en la eternidad.
 Y aun que a la humanidad
 La pension paga en morir,
 No dexa de conseguir
 Lo eterno en su feliz muerte,
 Pues sabe morir de suerte,
 Que no es dexar de vivir.
 Suele hazer la muerte igual,
 Al grande con el pequeño,
 Siendo su mayor empeño,
 Ninguno hazer desigual.
 Deste decreto fatal
 Izenta quedò Leonor,
 Porque siendo superior,
 No le abatiò su grandeza,
 Antes pudo su belleza
 Morir, para ser mayor.

Al magesto tumulo que la generosidad affectuosa
del Secretario del Estado Gonçalo Rivasco Ca-
valcanti y Albuquerque, erigio a las saudo-
sas memorias de la Excelentissima Seño-
ra D. Leonor Josefa de Vilhena.

S O N E T O.

Por el indocto Maldonado.

MOn gibelo de sombras revestido,
Que a ti mismo contrario te compones
Porque quando en el pecho nieve oppones,
En centellas blazonas incendido.
Contrario dixe, nò, miente el sentido,
Porque en esas cenizas, los blazones
De un coraçon ocultas, que a los dones
Del thezoro se fuele estar asido.
De Eleonora junto a las cenizas
Publica de Rodrigo las querellas,
Ardiendo el coraçon, que nò divisas.
Offusquen pues tus llamas las estrellas,
Porque al yelo fatal de amor precisas
Las cenizas se animan de centellas.

Ao



Ao gèral sentimento que houve na sempre lamentavel morte da Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena.

Advierte a su señora la muerte de Leonor Josepha de Vilhena.
Advierte a su señora la muerte de Leonor Josepha de Vilhena.
Advierte a su señora la muerte de Leonor Josepha de Vilhena.
Advierte a su señora la muerte de Leonor Josepha de Vilhena.

SONETO.

Do Bacharel formado Paulo da Costa Brandaõ.

NA Corte espira de Leonor o alento,
Porque lhe embarga a vida a dura sorte,
E sendo ao sentimento estreyta a Corte,
Em partes se divide o sentimento.
Sente a Corte, & a Bahia de hum protento
De discrição, & gentileza a morte,
Sendo, por ser intempestivo o corte,
Da planta mais sentida o desalento.
Mas húa pena taõ avantajada,
Que muyto he fosse em partes dividida,
E nas quatro do mundo lamentada.
Que se a morte anda sempre opposta á vida,
Vida que foy de todos desejada,
De todos ha de a morte ser sentida.

Ao sumptuoso Tumulo, que erigio nas exequias, que
fez pela morte da mesma Senhora o mais obse-
quioso affecto do Secretario do Estado Gon-
gallo Ravasco Cavallanty & Al-
buquerque.

S O N E T O.

Do mesmo Author.

F Abrica excelsa de lamentos chea,
Que te propoens a nossos olhos tristes,
Dize, funesto emblema, em que consiste,
Este horror, & este luto, que te afea?
Se choras ecclipsada de Ulyssea,
A luz mais rutilante que já viste,
Não ecclipsada, não, mais clara existe,
Hoje entre os Astros essa luz Phebea.
De Leonor essa luz honte ecclipsada,
Esse Sol de Leonor honte escondido,
Se honte soy luz em sombras sepultada,
Se honte soy Sole em nuve amortecido,
Hoje he luz nesse Empireo collocada,
Hoje he Sol nessa gloria renascido.



S O N E T O.

De Jeronymo Rodrigues de Crausto.

C Oraçāo que te falta ? O meu alento.
C Quem foy q̄ to usurpou ? A morte impia.
O que te levou nelle ? Hūa alegria.
O que só te deyxou ? Hum sentimento.
Assim sofrendo estás ? Duro tormento.
Q ue foy a antiga gloria ? Fantezia.
E m que se converteo ? Em tyrannia.
O que não logras já ? Contentamento.
C omo fentes a ausencia ? Em puro pranto.
O que mais te lastima ? A pena forte.
Não tēs alivio algum ? Sò tenho encanto.
J ustamente lamentas dessa sorte,
Saudoso padecendo com espanto,
Tyrannia, tormento, pranto, & morte.

A' mor-

A morte da Excellentissima Senhora D. Leonor
Josepha de Villena, nas exequias que lhe fez o Se-
cretario do Estado o Coronel Gonçallo Ravas-
co Cavalcanty & Albuquerque.

S O N E T O.

*Do Padre Francisco Pinheyro Barreto Vigario
da Igreja Matris de S. Pedro.*

Esse que vés, Bahia, urna eminente,
Desengano fatal da humana vida,
He culto da saudade mais devida,
Desempenho do amor mais reverente.

Este gentil horror, ara decente,
Da discrição, & gala incompetida,
Gloria he em desmayos de mentida,
Da sombra resplendor indiferente.

Unio em si Leonor, com graõ ventura,
Belleza, & discrição: rara impiedade,
Que afeye a morte tanta compostura.

Porém não, que do amor a potestade,
No desejo lhe aviva a fermosura,
A discriçao lhe apura na saudade.



*Ao Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo da Costa,
na morte da Excellentissima Senhora D. Leonor
Josepha de Vilhena sua mulher, a quem se
applica o Soneto 106.*

Do Grande Luis de Camões, & Glofa a elle.

T E X T O.

Doce contentamento já passado,
Em que todo meu bem só consistia,
Quem vos levou de minha companhia,
E me deyxou de vós tão apartado?
Quem cuydou que se visse neste estado,
Naquellas breves horas de alegria,
Quando minha ventura consentia,
Que de enganos vivesse sem cuydado?
Fortuna minha foy cruel, & dura,
Aquellea que causou meu perdimento,
Com a qual ninguem pode ter cautela.
Nem se engane nenhúa creatura,
Que não pode nenhum impedimento,
Fugir do que lhe ordena a sua estrella.

GLO-

G L O S A.

I.

Quando, contento meu, entre alegrias
 Ignorava dito lo tântos danos,
 Alegres os annos reputava dias,
 Hoje os dias reputo eternos annos:
 Faltasteme, era força, que agonias
 Padecesse tormentos deshumanos,
 Por isso por vós choro lastimado,
 Doce contentamento já passado.

II.

Em vós achou minha aancia sempre ázylo,
 Mas hoje que sem vós me considero,
 De todo me confundo, & me aniquillo,
 Nem gosto quero já, nem v'da quero:
 O tormento só busco, & conseguilo
 Desejo, o mais cruel tyranno, & fero,
 Pois que me falta a vossa companhia,
 Em que todo o meu bem só consistia.

III.

Quem illustre Leonor, quem Sol brilhante,
 Hoje, causa total de meu tormento,
 Tanta gloria roubou em hum instante?
 Tal belleza usurpou em hum momento?
 Quem poderia ser causa bastante,
 De dano taõ cruel mal taõ violento?

G iij

Quem

Quem o bem me tirou quem a alegria?
Quem vos levou de minha companhia?

IV.

O bem amado, o gosto apetecido,
Que alegre possuhi, logrey ufano,
Todo já por meu dano ha feneCIDO,
Já todo se ha acabado por meu dano.
Que o fado, que de mim compadecido,
Entaõ se contemplou menos tyranno,
Hoje vos separou fero, & indignado,
E me deyxou de vòs taõ apartado.

V.

Cuydaria tal vez o fino amante,
Em quem mais a affeyçaõ resplendecia,
Que de húa ausencia a magoa penetrante
Tirarlhe toda a gloria poderia:
Cuydaria que em ter o bem distante,
Ao rigor da saudade acabaria,
Mas nunca eu fuy, (dizer posso acertado,)
Quem cuydou que se visse neste estando.

VI.

Naquelle tempo em que eu feliz gozava
As ditas em mòr auge , em mòr altura,
Nem do fado os rigores receava,
Nem mudanças temia na ventura:
Entaõ nada tristela me caulava,
Porque entaõ tudo era gloria pura,

E em

E em fim penas, & dores não sentia,
Naquellas breves horas de alegria.

VII.

Ora o mal, ora o bem qualquer activo,
No que obrava me tinha como absorto;
Porque o mal queria verme vivo,
Porque o bem não queria verme morto;
Consentia no mal, o mal esquivo,
Davame o bem no bem feliz conforto,
E o bem ao mal sómente preferia,
Quando minha ventura consentia.

VIII.

Se acabar pôde a vida hum desengano,
Que he tormento cruel, que he pena forte,
Mais efficaz veneno he o de hum engano,
Pois conduz mais ligeyro para a morte;
E como he rigoroso, como insano,
Tanto, que apenas ha quem o soporte,
Com razão me lastimo magoado,
Que de enganos vivesse meu cuidado.

IX.

Naõ foy o amor a causa destas magoas,
Que minha alma affligida está sentindo,
Nem por quem o meu peyto em vivas fragoas
Se está tyrannamente consumindo;
Quem causou que dos olhos rios de aguas
Se vejaõ de contino estar sahindo,

Com

Com a ncia taõ voraz, tanta amargura,
Fortuna minha foy cruel, & dura.

X.

Esta falsa tyraïna vil Deidade,
Esta Effigie inhumana, fera, & indigna,
Em quem a compayxão sempre he cruidade,
Em quem o bem querer sempre he ruina.
Esta em quem se vê fixa a adversidade,
Esta que a ferir instavel só se inclina,
Esta foy com danoso, & fero intento
Aquella que causou meu perdimento

XI.

Prevenir da fortuna as inconstancias,
Querer acautelar de seus rigores,
He mostrar sem disfarce as ignorancias,
Nestas vãs prevenções sempre mayores:
Porque em fim taõ danosas resultancias
De ancias, penas, tormentos, magoas, dores,
São da fortuna rigorosa, aquella
Com a qual ninguem pode ter cautela.

XII.

Quando a sorte convida com hum affago,
Quando mostra a fortuna alegre o rosto,
He para executar mayor estrago,
He para te instruir em dar desgostos:
Que aquelle affago seja vital trago,
Ou que não seja aquelle bem supposto,

Tal

Tal naõ crea a innocencia, inda a mais pura,
Nem se engane nenhūa creatura.

XIII.

Que bem a meu pezar esta verdade
Está minha alma triste exprimentando,
Pois da fortuna iniqua crudelade
Sem que eu acabe, a morte me está dando:
Que dimita a voraz actividade,
Com que a hū peyto amorofo vay talando,
Bem alcança o meu triste pensamento,
Que não pode nenhū impedimento.

XIV.

Instava o meu amore em darmo gosto,
Porfiava a fortuna em penas darmo,
Venceo tyranno, dandome de rosto,
Rendime, pois que pode contrastarme;
E pois me foy forçoso este disgosto,
De que infeliz naõ pude desviarme,
Ninguem ha de poder em tal querella,
Fugir do que lhe ordena a sua estrella.

SONETO.

Que me queres tyranno pensamento,
Vendome redusida a tal estado,
Que do tempo presente, & do passado,
Se eterniza o rigor do meu tormento.

Em quanto Lices viva, o sentimento
Apurava na ausencia o suspirado:
Porém depois de morta, o magoado
Estragou o respeyto ao sofrimento.
Pois passando os limites de sentida,
Transcendendo as esferas de saudosa,
Sou assombro da morte, & horror da vida:
Por ser a minha dor taõ poderosa,
Que tendo em partes a alma dividida,
Em toda a parte he toda rigurosa.

Quando a
Quando a
He para executar maynre obigo, obra
He para fechar um em, das infelicidades
Que aquelle affago seja toco trago, calo
O que não dejo faze-lhe bem desafio,

SOME

II

A' mor

*A morte da Excellentissima Senhora Dona Leonor
Josepha de Vilhena, succedida pouco depois
que do Governo da India chegou seu esposo
o Excellentissimo Senhor D. Rodrigo da Costa.*

S O N E T O.

Do Padre Andre de Figueyredo Marcarenhas.

Como Sol entre applausos cento, a cento
Lá desse berço de Zafir lucente
Busca o Costa a Leonor, que no Poente
Qual Aurora lhe guarda novo alento.
Mas em magoa fatal, triste protento,
As lagrimas da Aurora no Oriente
Agouráraõ, que a Aurora no Occidente
Com o Sol perderia o lusimento.
Sempre o Poente foy da luz jazigo,
Na falta de Leonor Rodrigo o chora
Quando perde da luz todo o abrigo:
Mas se ambos Aurora, & Sol se adora,
Falte a luz de Leonor vendo a Rodrigo,
Que nas vistas do Sol acaba a Aurora.

H ij

A' mor-



*A morte da Excellentissima Senhora Dona Leonor
Josepha de Vilbena, & debayxo do mesmo
assumpto.*

S O N E T O.

Do mesmo Author.

Esse do prado mimo nacarado
Pastilha de carmim, pavaõ de Flora,
Cuja morte com lagrimas a Aurora
Pronostica chorando sobre o prado.
Se da manhã no riso affronta o fado,
Quando immortal na purpura se adora,
Vindo o Sol ao Occidente se descora
Mariposa da luz, susto do agrado.
Com o Sol de Rodrigo no Oriente
Era rosa Leonor, que em pompa ayrosa
Pode picar a Venus novamente.
Como rosa no tarde lastimosa
Morre vindo este Sol para Occidente,
Que com Sol no Occidente acaba a rosa.

Extre-



*Extremoſo ſentimento do Excellentissimo Senhor
D. Rodrigo da Coſta na morte de ſua eſpoſa.*

S O N E T O.

Do mesmo Auſtor.

Eſſe rayo, que vibra o Ceo irado,
Eſſa guerra, que faz cada elemento,
Eſſa tormenta, que desprega o vento,
Eſſe destroço, que ameaça o fado.

Com hum desmayo ſe moſtra ſoccegado,
Com húa laſtima ſe poſtrá o ſeu intento,
Com húa perda desfaz o ſeu alento,
Com húa morte ſe rende defatado.

Com morte mais cruel, perda odioſa,
Laſtima mais fatal, triste defmayo
De Leonor a meu peyto o amor convida.

E que em furia vencendo a dor ſaudoſa,
Ao destroço atormenta, a guerra ao rayo,
Porque viva o pesar, naõ mate a vida?



*Saudosa apprehensaõ do Excellentissimo Senhor D.
Rodrigo da Costa na anticipada morte de
sua espoſa.*

S O N E T O .

Do mesmo Author.

QUe me queres traydora fantezia,
A que trazes cruel ao pensamento
Memorias, que hoje só para o tormento
Avivaõ de Leonor a bizarria?
Como queres, que dure a pena impia,
Quando o bem se passou em hum momento?
Porque eterno ha de ser no sentimento,
Se no logro não foy nem bem de hum dia?
Não chegára a julgarte por traydora,
Se como dita breve o bem se ordena,
A perda breve pena tambem fora;
Porém, oh condiçāo, que ao bem condena,
Que negando na posse alivios de hora,
Eternisa na perda annos de pena?

A's

A's prendas, & virtudes da Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha de Vilbena, emudecendo os clarins da fama, despertaraõ as admirações do silencio, imagem, que coroava o Mausoleo, que a suas immortaes memorias consagrou o entendido affecto do Secretario d' Estado Gonçallo Ravaſco Cavalcanty & Albuquerque.

S O N E T O .

Do mesmo Author.

EM vaõ, ò Fabio, em vaõ aqui pretende
Occultar o silencio a melhor prenda,
Se de tantas virtudes na contendã,
Quanto abraça a memoria, applausos rende.
Porém como em Leonor a fama aprende
Novas prendas, temendo que as offendã,
Mais do que nos louvores comprehenda,
Em silencio admirada se suspende.
Pois retireſſe a fama de admirada,
Que a louvores aqui o silencio incita,
Onde ha tanta virtude venerada.
O silencio inda mais que a fama grita,
Porque mais que na fama celebrada,
No silencio a virtude se acredita.

Al

+ + + + +

Al Mausoleo de la Excelentissima Señora D. Leonor Josepha de Vilbena, competencia de luz, y sombra en lutos, y fuegos.

R O M A N C E.

Del mismo Author.

M Achina fatal, que en lutos
 Rematas tanto fulgor,
 De que te sirve la luz,
 Si el luto te coronò ?
 Mas que bien entre las luces
 Este luto se mesclò,
 Si siempre metas de luto
 Rematan passos del Sol.
 Pero si el luto , y las luces
 Son memorias de Leonor,
 No ha de estragar el luto,
 Luzes de que se vestio.
 Pues bien, que la cerca el luto
 A un las luces nò dexò,
 Que nò pierde el rayo en sombras,
 Memorias de que luziò.

De

De aquel joben, que entre luzes,
 Fue rayo en sombras de error
 Aun luzen vivas cenizas,
 Del fuego quede abrazò.
 Aun de los campos Phrigios
 Memorias son luzes oy,
 Que contra Olimpos de humo
 Se opponen Eahnas de amor.
 Si pues Phaetonte, y Troya,
 (Bien que los sella el horror,)
 A privilegios del fuego,
 A un en sombras, ascuas son.
 Que mucho de luz , y sombra,
 Con tan estrecha union
 Donde un capuz cubre luzes,
 Lutos encienda un farol?
 Si este eclipsado luzero
 Fue de tal constelacion,
 Que a un del occaso en sombras
 Nò dexa las luzes , nò.
 Mas si el carcel del ocaso
 Nò es de su luz prision,
 Qual seria en el Oriente
 Sol que el occaso ilustrò?
 O' como del Sol en falta
 Pide estrellas la razon,
 De aquesse Sol en la noche,

Estre-

Estrellas, ó luces soes:
 O' es que como la noche
 Por posse del Sol entrò,
 De los lutos tambien rompe
 La luz, la jurisdicion.
 O' es que el color hurtando,
 Oy a nuestro coraçon
 Procuras que entre las luces,
 Se vea el pezar mejor.
 Sinò es, que como el fuego,
 Siempre affectos declarò,
 Incultas, que en nuestro afecto
 Se abraza nuestro dolor.
 Dominen luego las luces,
 De los lutos la region,
 Que donde manda el afecto,
 Que mucho reyne el ardor?
 Si siempre en la noche
 Resata la luna,
 Pero si el lago, para la
 Son visiones de Los celos
 No ha de estragar el sol
 Luces de que se vio la
 Pues bien, que la noche
 A un las luces no destruye
 Que no pierde el rayo
 Memorias de que quedó



*A' anticipada morte da Excellentissima Senhora
Dona Leonor Josepha de Vilhena.*

S O N E T O.

Do mesmo Author.

Esia chama, que estrelas desacata,
Esse escolho, que apostá cò a dureza,
Hum estrago lhe acaba essa firmeza,
Hum ecclipse e las luzes lhe maltrata.
Esse agrado, que nacares dezata,
Esse arminho, que he termo da belleza,
Hum pò vêm a parar essa limpeza,
Hum despojo essa purpura remata.
Rola foy na pensão, jasmim na alvura,
Penha em firmezas, Solem luzes vago,
Aqui Deidade a prantos nos empenha:
Porém fora melhor, menor altura,
Pois a ser pò, despojo ecclipse, estrago,
Excedeo jasmim, rosa, Sol & penha.



*A morte da Excellentissima Senhora Dona Leonor
Joseph de Vilhena.*

S O N E T O.

*Se vea el p...
Sind es, que co...
Siempre al...
Do mesmo Author.*

Hoje Apollo entre sombras assustado
Estrella se equivoca s'intillante,
Melancolico o rosto, o passo errante,
O cabello das luzes despojado.
Flora das violetas tem cortado
As baetas, que arrasta a cada instante,
Naõ achando o jardim com flor brilhante,
Destroca as plantas, larga fogo ao prado.
Mal poderão, Leonor, Apollo, & Flora,
Derrotados das luzes, & das cores,
No jardim, ou no Ceo achar melhora:
Se com as nossas lagrimas, & dores,
Em vós só sepultadas hoje chora
O Ceo as luzes, o jardim as flores.

As prendas, & virtudes da Excellentissima Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, ainda depois da morte, executaõ no animo de seu esposo, o Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo da Costa extremosamente sentido, os mesmos effeytos, que em vida.

SONETO.

Do mesmo Author.

Errada a conclusão hoje conheça,
O que Mestre mais douto na sciencia
Nos deyxou por proloquio sem fallencia,
Que em a causa cessando, o effeyto cessa.
Porque a dor de Rodrigo nos confessá,
Que o arrasta Leonor com tal violencia,
Que o que causou effeyto na assistencia,
Apartado da causa então começa.
Apartada Leonor,inda lhe causa
Hum effeyto tão forte , que suspeyto,
Que não tem inda a causa feyto pauſa:
Pois Leonor em dominios de seu peyto,
Se na vida o rendia como causa,
Hoje o vence na morte pelo effeyto.

*Ao Excellentissimo Senhor Dom Rodrigo da Costa,
que triunfanto das tormentas do mar na car-
regra da India, fez naufragio no mar das
saudades, que alterou a violenta morte
de sua querida esposa.*

SONETO.

Do mesmo Author.

DE Rodrigo dou mares a firmeza
Eu vi, que navegava muy constante,
Tormentas lhe offerece o mar de Atlante,
No mar de amor saudades a fineza.
Já no mar de Neptuno, que despreza,
O dominio lhe cede esse gigante,
Quando no mar de amor Leonor amante
A bonança lhe nega, que mais preza.
Mas se no mar de amor Leonor espira,
Inda para Rodrigo anda o mar grosso,
Porque em mayor tormenta aqui suspira:
Se tem no mar de amor todo o sobroço,
Pouco vay, que Neptuno applaque a ira,
Se a saudade lhe faz mayor destroço.

A' es-

A esclarecida Senhora D. Maria, illustre rayo da
 Excellentissima Senhora Dona Leonor Josepha de
 Vilhena, defunto Sol, a quem em nome da Senhora
 D. Leonor Josepha de Menezes, mais que do sump-
 tuoso Mausoleo (que erigio o seu esposo o Secre-
 tario do Estado Gonçalo Ravasco Cavalcan-
 ty & Albuquerque) à narração dedica as
 abrazadas demonstrações do seu ma-
 goado affeço.

SONETO.
 Do mesmo Author.

QUANDO o Sol a desmayos redusido
 Banha em tumbas de neve o fraco alento,
 Se notares, vereis no firmamento,
 Que inda hum rayo lá deyxa presumido.
 Isto que he no planeta conhecido,
 Vê no Sol de Leonor o meu lamento,
 Quando em vós, da bellesa raro invento,
 Fica o Sol como em rayo taõ lusido.
 Admiti pois do peyto nos altares
 Víctima húa alma, que hoje em seu desmayo
 Tributa ao Sol nos olhos já dous mares:
 Que se vós deste Sol sois rico ensayo,
 Com razão vos dedico os meus pesares,
 Quando em vós deste Sol adoro orayo.

Satis-

Satisfaz ao Excellentissimo D. Senhor Rodrigo da Costa, e n nome do Secretario do Estado Gonçalo Ravisco Cavalcanty & Albuquerque, por haver posto a inagem do silencio sobre o que seu affecto consagrhou Muisaco às memorias da esclaridida Senhora D. Leonor Josepha de Vilhena, da diti Senhor esposa, a quem era o aplauso curto todas as bocas da fama.

SONETO.

Do mesmo Author.

NAõ estranhe, Senhor, vossa Excellencia,
Que da saudade sua o monumento,
Mais que a fama ao silencio seja assento,
Que o pezar tira as vozes na violencia.
Tal he da minha dor a vehemencia,
Na perda que vos causa este tormento
Que o pezame vos dá meu sentimento,
No silencio melhor, que na eloquencia.
Nesta do monumento triste calma,
Quizera ser despojo muyto cedo,
Mas que digo? Já sou da morte palma;
Pois sem quedo sepulchro tenha medo,
No silencio, Senhor, vos rendo a alma,
Que alma dos Secretarios he o segredo.

* * * * *

A Senhora D. Leonor Josepha de Menezes, empenhada em sentimentos, na morte da Excellen-tissima Senhora Dona Leonor Josepha de Vilhena.

S O N E T O.

Do mesmo Author.

A Penas Phaetonte despenhado,
A terra deixa o Sol desanimada,
Quando a esfera do Ceo, toda assombrada,
Insinua nos lutos o cuidado.

Dessa illustre Leonor ao triste fado

Vos declara o pezar taõ empenhada,
Que se vê com porfia melhorada,
Em vós Ceo, nella o Sol equivocado.

Mas se em nobreza lustre, & fermosura,
Admirada a Bahia em vós venera

Qualidades do Ceo com mais ventura:

Bem morrendo este Sol em vós se esmera
O pezar, porque saõ, por sorte dura,
Os occasos do Sol lutos da esfera.

K

Ala



A la anticipada muerte de la dicha Señora.

C A N C I O N.

Del mismo Author,

DE los llantos del Alva
Ella de luces fuente nasce apenas,
Derramando fulgores sobre el prado,
Quando el coro emplumado, dulce salva,
(Afrentando en gorgeos las Sirenas,) D
Es lisonja a la luz al ayre agrado;
Pero el Sol empeñado, D
Bolviendo hermosas flores de otra esfera,
Volatile primavera, D
Con el perfil distinto de las cores, D
Es pincel de las aves, y las flores; D
Que si plumas matiza, D
Colores al jardin tambien divisa. D
Mas ay, triste luzero, D
Ya vistes de un vapor ceño grossero, D
Porque la luz mas bella D

Suele

Suele agora nacer con poca estrella,
 Pues occaso violento
 Equivoca el vapor tu nascimiento:
 Lá que aliño de Abril, trofeo de Flora,
 Remora del olfato en mar de Tyro
 Arde en verde prision, purpurea llama,
 Sidel alva a las rizas enamora,
 Tan bien llantos le deve de un suspiro:
 Que la purpura misma que la aclama
 Es fuego, que la inflama,
 Quando el Sol con guadaña de fulgores
 Es parca de las flores,
 Cometa del carmin, que por destino,
 Contra purpuras siempre se previno;
 Pues en este colegio,
 Paga primer la rosa el privilegio:
 Si no es que por bella,
 El Sol la defarma como a estrella.
 Mas ay que importa, ó rosa,
 Que blasone tu purpura de hermosa,
 Se viste la hermosura,
 En purpura fatal la desventura!
 Este que es del zafir bello Narciso
 Garçota de las olas presumida,
 Pesada injuria de ligero buelo,
 En las alas de un zefiro preciso,
 Que al aguila veloz dexan rendida,

Quando examen de rayos su desvelo
 Quiere subir al Cielo,
 Pelota del mar, fabula del viento,
 En la playa escarmiento,
 De Neptuno cruel tristes despojos
 Offrece por reliquias a los ojos;
 Porque quien mucho buela
 Para los precipicios se desvela,
 Que si el destroço es pena,
 La pena con el buelo bien se ordena.
 Mas ay perdida nave,
 En tus mismas velas tu daño cabe,
 Que al ayre que te alienta,
 Es cierço que te lleba a la tormenta?
 Essa llave que suelta en rio undoso,
 Al grillo de christal, carcel de plata,
 En que estuvo elemento aprisionado,
 Essa que al año parte, buelve hermoso
 En las hojas , y flores , que dezata,
 Es del arbol libre , capa del prado,
 En tan feliz estado
 Cornucopia de Arabia se derrama
 Nel vulgo, que la aclama,
 Pues burlando aromaticos licores,
 Pastillas buelve , quanto alienta en flores:
 Mas si al viento enamora,
 Quando en taças de olor le brinda Flora,

El estio encendido
 Troca en polvoras de ambar lo florido.
 Mas ay breve primavera
 Quan corta de las flores fue la esfera,
 El mismo ardor te avisa,
 Que lo que era esplendor, es ya ceniza!
 Mejorando Orizontes en sus ojos,
 Fue Sol Leonor, que en altos resplandores
 Dominò en los tremulos zafiros;
 Fue rosa, a quien las flores por despojos
 Rendieron aromaticos fulgores:
 Fue nave, que holò en los suspiros,
 Aves burlò en gyros:
 Primavera fue, que hizo en adornos
 A la virtud lobornos,
 Pues augmentando al prado galanteos
 Embocò las virtudes en aceos;
 Mas si fue primavera,
 Un estio es Vesuvio de su esfera:
 Si fuè nave con viento
 Bolò destroço lo que fuera aliento;
 Si rosa que el Sol dora
 En su mismo esplendor su muerte llora:
 Y si fue Sol luziente,
 Encontrò el Occaso en el Oriente.
 Dexa el acento vago,
 Cancion, que el bello siempre acaba estrago,

**Si contra la hermosura
Se arma como vapor la desventura,
Por su daño la hermosa
Es Primavera, Nave, Sol, y Rosa.**

LAUS DEO.

